

O LIVRO DE SÃO CIPRIANO: ESPELHO DO IMAGINÁRIO MÁGICO-RELIGIOSO BRASILEIRO

DOI: 10.56316/espacos.v30i1.860

Ênio José da Costa Brito*

*Santo Antonio é mandiqueiro
Santo Onofre é mironqueiro
Ai, ai, ai um São Cipriano
Negro que sabe fazer bom feitiço
faz em silencio, fala pouco é quimbandeiro.
(Ponto de Umbanda)*

Quem frequenta bancas de jornais e revistas no centro da cidade, certamente, viu o *Livro de São Cipriano* entre livros de autoajuda. O *Livro de São Cipriano* é uma obra portuguesa sobre magia, um receituário que compila feitiços, instruções de divinação do futuro, procedimentos de exorcismos e desencanto de tesouros na descrição de Inês Teixeira Barreto, autora de dissertação de Mestrado, intitulada: *Da Mandinga à Macumba: a trajetória do Livro de São Cipriano no Brasil* (2022).

Barreto se propõe a:

investigar a trajetória dessa obra a partir de Portugal até sua popularização no Brasil do século XX, percorrendo o caminho das muitas edições do livro no mercado editorial nacional, apontando as modificações e aportes criados a partir de elementos brasileiros que se somaram ao conteúdo herdado de Portugal (BARRETO, 2022, p. 7).

Penso que a autora pode, justa e adequadamente apropriar-se das palavras de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas* para sinalizar a

* Ênio José da Costa Brito é professor titular do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-SP, e no Instituto Teológico São Paulo (ITESP). É coordenador do Grupo de Pesquisa Imaginário Religioso Brasileiro (Veredas) e Vice-coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora (CECAFRO-PUC). Editor responsável da Revista Último Andar, do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciência da Religião da PUC-S E-mail: brbrito@uol.com.br.

feitura de sua Dissertação: “O Senhor concedendo eu digo: para pensar longe, sou cão mestre... o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio, essa por fundo de todos os matos, amém”

Dissertação fruto desse rastrear arquivos, reclames, anúncios publicados em jornais e revistas brasileiras e notícias de perseguições policiais a feiticeiros, macumbeiros e curandeiros; dissertação fruto desse rastrear veredas portuguesas e brasileiras relacionadas com o *Livro de São Cipriano*. Sua leitura convida-nos a pensar no fascinante problema da apropriação pelo povo de fatos, discursos e práticas religiosas, sociais e políticas.

As principais fontes utilizadas são reclames e anúncios publicados nos jornais e revistas brasileiras entre 1870 e 1970, assim como as notícias de perseguições policiais a feiticeiros, macumbeiros e curandeiros. Além disso, livros de folcloristas, etnólogos e literatos também foram utilizados como fontes secundárias (BARRETO, 2022, p. 7).

Uma panorâmica sobre a Dissertação

Quanto às palavras-chave, seria bom completá-las agregando a palavra mestiçagem. “Conceito importante no entendimento da posição de São Cipriano no imaginário mágico-religioso brasileiro”, nas palavras da própria autora (BARRETO, 2022, p. 17).

Quanto à *Introdução*, os pré-requisitos de uma introdução bem feita estão presentes, facilitando a recepção dos futuros leitores(as), como a problematização: “até que ponto a tradição da magia europeia ligada a São Cipriano se perpetuou no Brasil e em qual momento ela passa por um processo de assimilação e mestiçagem e se torna parte da cultura mágico-religiosa local” (BARRETO, 2022, p. 13). As principais referências teóricas estão indicadas, assim como as fontes, que visualizam os caminhos da pesquisa.

Na *Introdução* esclarece, ainda, o desafio assumido: ir além do traçar a trajetória histórica do *Livro de São Cipriano*, isto é, entender o conteúdo e as transformações sofridas dentro de um contexto histórico-cultural (BARRETO, 2022, p. 5), mais especificamente: apontar as modificações e aportes criados a partir de elementos brasileiros.

Quando nos apresenta na *Introdução* o capítulo terceiro afirma ter feito uma *análise vertical* com o foco estrito em menções, citações e edições do *Livro de São Cipriano* (BARRETO, 2022, p. 16). Afirmção retomada e explicitada na abertura do capítulo terceiro:

Os recortes são longos, mas a análise é feita de maneira bastante vertical, com foco apenas na trajetória do Livro de São Cipriano em si e em alguns pontos específicos de seus elementos textuais e do contexto político e mercadológico do período (BARRETO, 2022, p. 66).

No entanto, ao longo da Dissertação não só fez *análises verticais*, mas *leituras horizontais* mostrando nas entrelinhas, que o Livro em questão deve boa parte do seu significado a outras fontes produzidas em diversos contextos culturais. A leitura horizontal ao contextualizar o Livro desvela a transversalidade do mesmo.

Ter retomado brevemente o problema teórico do Sincretismo já na *Introdução* foi uma decisão acertada. Aponto alguns lembretes relacionados com o Sincretismo, que será ainda referendado mais amplamente pelo autora, no capítulo terceiro.

O processo sincrético não é próprio do campo da religião, mas estende-se ao campo, genérico, da cultura: o processo se dá, em geral, no interior de uma relação duplamente desigual entre duas culturas ou duas religiões, ou uma cultura e uma religião; o processo sincrético é polivalente o suficiente para acolher as mais diversas cristalizações; o sincretismo é um fenômeno demasiadamente rico para permitir conclusões generalizantes e o

sincretismo é intrínseco a qualquer religiosidade, inclusive ao catolicismo oficial (SANCHIS, 2018).

Se faz necessário, pois, tirar tanto do sincretismo, quanto da mestiçagem a marca da degeneração. “A pesquisa tem como principal aspiração somar aos estudos sobre as mestiçagens brasileiras e auxiliar em uma visão sobre a mestiçagem que tira da equação a ideia determinista da degeneração” (BARRETO, 2022, 19).

O capítulo primeiro intitula-se: *Os livros de São Cipriano em Portugal: relações entre oralidade e textualidade no universo mágico-religioso*. Num trabalho artesanal, traça uma trajetória dos vestígios de práticas ligadas ao santo em Portugal, vestígios presentes na literatura popular ou literatura folclórica, mostrando que as práticas e o imaginário de magia ligados ao santo são de longa permanência e têm como pilar de sustentação o apelo da busca por tesouros e cura.

Para isso, foram estudadas duas edições do final do século XIX: uma publicada no Porto e outra em Lisboa, ambas entre 1890 e 1900. A edição lisboeta, mais longa, traz uma série de elementos narrativos, assim como feitiços, exorcismo e outros receituários que permitiram investigar como crenças e práticas mágicas da Europa Central dialogaram com o substrato cultural português (BARRETO, 2022, p. 14).

Um dos livros portugueses de São Cipriano que servirá de base para as edições brasileiras intitula-se *O Grande Livro de São Cypriano ou o Tesouro do Feiticeiro*.

O Tesouro do Feiticeiro traz muitos elementos de tradições orais portuguesa, mesclados com história da vida do santo, orações e procedimentos da tradição católica, além de adaptações de histórias de outras obras. Não possui uma autoria individual e pode ter sido criado

a partir de um compilado de outras edições (BARRETO, 2022, p. 36)¹.

As observações que se seguem com relação a este capítulo e no decorrer do texto ao segundo e terceiro não comprometem a qualidade da dissertação, expressam sim o desejo de ampliar o diálogo.

Barreto menciona que num contexto de violência, os escravizados buscavam a proteção do sobrenatural (BETHENCOURT, 2004; CALAINHO, 2008; SOUZA, 1986).

Quanto à magia de proteção física, os três autores afirmam que a sociedade escravista, tanto na Metrópole quanto na Colônia era extremamente violenta – especialmente com seu lado mais fraco, os *escravizados* e os forros. Por isso, era comum que eles buscassem a *proteção do sobrenatural* (BARRETO, 2022, 24, grifos nossos).

Aproveito para apontar o que acontecia com frequência no Brasil: escravizados preparavam “mezinhas” que curam, livram do feitiço, preveniam coisas ruins. Do ponto de vista da religiosidade, as funções das “mezinhas” encontram respaldo nas concepções dos centro-africanos sobre o feitiço. “O feitiço, no entendimento dos centro-africanos resultava da mobilização de forças do mundo espiritual (que era também o mundo dos mortos!), para benefício próprio ou para prejuízo de alguém (PIROLA, 2011, p. 255).²

No capítulo, como na tese, temos inúmeras menções ao imaginário. Na verdade, o conceito é onipresente na Dissertação. No entanto, o conceito, que dá suporte para entender a cultura, a mentalidade, as representações,

¹ “O livro possui 370 páginas, impressas em papel com textura porosa e atualmente muito amarelado. A capa original se perdeu sendo substituída por uma nova. Esses são indícios de que foi produzido de maneira barata, o que leva a crer que era destinado a um público com pouco dinheiro” (37)

² “A aceção mais comum do termo ‘mezinha’ tanto no século XIX como hoje em dia é de remédio ou medicamento caseiro. A sua etimologia está ligada, ainda, à arte da cura ou prática da medicina” (PIROLA, 2011, p. 254).

muitas vezes não é bem compreendido, importante pois esclarecer como é entendido na dissertação. Gosto muito da conceituação de Cornelius Castoriadis, em *A Instituição Imaginária da Sociedade* diz ele:

aqueles que falam de imaginário compreendendo por isso o “especular”, o reflexo, ou o “fictício”, apenas repetem, e muito frequentemente sem o saberem, a afirmação que os prendeu para sempre a um subsolo qualquer da famosa caverna: é necessário que este mundo seja imagem de alguma coisa. [posição filosófica platônica] O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social, histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos (CASTORIADIS, 1982, p. 13).

Muito interessante a justificativa que oferecida para explicar o fato da oração ser feita em latim, ser o latim a língua natural do demônio (BARRETO, 2022, 47). Com relação as orações caberia uma segunda observação que mencionasse a força da palavra em si. A palavra é portadora de uma energia³. Essa observação se materializa quando a autora aborda o tema das orações, lembrando que: a oração é “ocasião para exercer o verbo como meio de ação” (BARRETO, 2022, p. 62)⁴.

Para finalizar as considerações relacionadas com o capítulo primeiro, retomo uma passagem que explicita a atmosfera na qual o capítulo foi gestado:

As tradições envolvendo São Cipriano são prolíficas em mostrar como existem relações entre cultura letrada e oralidade, entre mitos e histórias pré-cristãs e católicas, e como as apropriações entre todas essas ideias

³ “Vale lembrar que para os congos é na palavra que reside o poder primeiro de encantar o tempo. Os *kumbas* são, também por isso, os encantadores das palavras, poetas do verbo” (SIMAS, 2021, p. 22).

⁴ No capítulo segundo, Barreto apresenta uma oração típica do Brasil a Oração da Cabra Preta Milagrosa, 104- 110. “Não é possível ter certeza de como foi originada a oração, mas é ponto comum que nasce no Nordeste brasileiro. Câmara Cascudo e Artur Ramos já apontavam esse caminho a partir de suas coletas na região do Rio Grande do Norte, mas o único que traz uma hipótese de sua origem é Mario de Andrade” (p. 105).

vão se formando em um processo de longa duração, que consegue abarcar uma série de diferentes influências e moldá-las de acordo com as questões e demandas de suas comunidades e de seus tempos (BARRETO, 2022, p. 64).

Nos estudos sobre cultura e religiosidade popular, por exemplo, sobre as benzedeadas (os) me impressiona sempre os múltiplos processos de “transmissão”. No caso do *Livro de São Cipriano* temos em Portugal um fascinante e complexo processo de transmissão ligado ao *Livro de São Cipriano*, acompanhado minuciosamente pela autora ao longo do capítulo. Outro tópico chama a atenção do leitor, o poder do livro em si mesmo, cabe aqui perguntar, de onde advém esse poder? Como se manifesta? Como se mantém?

A trajetória dos livros de São Cipriano no Brasil (1876-1970) é o título do capítulo segundo, que apresenta uma minuciosa arqueologia dos vestígios da trajetória do *Livro de São Cipriano*, no contexto da industrialização e de profissionalização do mercado editorial brasileiro, suprimindo uma lacuna referente ao tema na história do mercado editorial e dos livros no Brasil (BARRETO, 2022, pp. 62, 65), constatando, ainda, ao longo do processo, que as inúmeras publicações tem um *continuum textual*.

Na declaração do editor Savério Fittipaldi, herdeiro da Editora João do Rio, posteriormente trocado por Editora Fittipaldi, “a versão da *Bruxa de Évora*, provavelmente mais uma derivação do São Cipriano ou uma adaptação do *Livro da Bruxa...* só reforça a ideia do *continuum* sem-fim de tais publicações, ressurgindo em diversos textos, com muitos autores-legião” (BARRETO, 2022, p. 72)⁵.

⁵ “É possível entender o conceito de autor-legião como a de uma série indefinida de escritores, que vão compondo a obra continuamente e se confundem na trajetória do texto.” (FERREIRA, 1992).

Fato que leva Jerusa Ferreira Pires a classificar as muitas versões do *Livro de São Cipriano*, “como um *continuum textual*, um grande texto, sem limites, e que vai sendo apropriado aqui e ali, copiado diretamente, transcrito, em adaptação e abrigando também processos criadores as muitas versões (PIRES *apud* BARRETO, 2022, 102)⁶.

Ao acompanhar de perto o processo de assimilação e cópia, que as diferentes edições do *Livro de São Cipriano* estabelecem entre si, a autora visualiza para seus leitores um rico entrelaçamento de anúncios/ mercado editorial/ livrarias/ livros/ edições/ consumidores.⁷

Outra afirmação curiosa feita pela autora é de que no nordeste há uma espécie de culto ao Demônio, que as histórias sobre o “Diabo logrado” confirmam. Esta afirmação merece ser ilustrada com alguns cordéis. Do grande cordelista, Leandro Gomes de Barros (1865-1918) temos o cordel *A sogra enganando o diabo* e de José Pacheco Rocha (1890-1959); *A chegada de Lampião ao inferno*⁸. “A relação com o demônio e a conversão são, assim, os dois principais encaixes narrativos, que alinhavam as grandes temáticas e criam a relação com os demais elementos práticos do livro” (BARRETO, 2022, p. 108).

Com relação ao culto aos santos no Brasil, apresento, em seguida, uma breve consideração de perfil teológico-histórico sobre o culto aos santos no

⁶ Ver Anexo – Levantamento de Edições entre 1876-2021. O anexo traz as seguintes informações: Título, Autor, Ano Editorial, Livraria, País. Exemplo: Livro de São Cypriano - Tesouro da Magia- s.a - 1876-Cruz Coutinho - s.I.

⁷ Barreto afirma que: “não foi possível encontrar nenhuma cópia dos livros de São Cipriano publicada antes de 1950, e apenas um exemplar do Livro da Bruxa, de 1941. Eles existiram, pois eram anunciados com frequência nos jornais, assim como foram diversas vezes citados por cronistas, memorialista e jornalistas” (2021, p. 68).

⁸ Para conhecer um pouco da produção de Leandro Barros, ver CAMILO (2013).

Brasil-colônia e império, elaborada por Alexandre Otten que, ampliando um pouco mais minha citação indicada no terceiro capítulo:

A imagem de Deus que os conquistadores trouxeram era de um Deus controlador, que tudo via, castigava, de um Deus que tirava a alegria de viver, Para recuperar a vida, o povo volta-se para os santos: para eles /elas têm festa, dança, romaria, procissão, foguetes, cantoria etc. (BRITO *apud* BARRETO, 2022, p. 166).

Seguem as considerações de Otten:

O Deus que foi trazido pelos portugueses é o Deus da religiosidade popular da Idade Média, um senhor feudal e juiz amedrontador. A vida é vivida no horizonte do fim do mundo. O mundo é exílio, vale de lágrimas; e o homem e a mulher, sem morada fixa nesta terra, são peregrinos a caminho da “pátria celeste”. Se o Deus apocalíptico os amedronta, impossibilitando-lhes o gosto pela vida, o Deus Senhor, zeloso de seus privilégios, cerceia-lhes a liberdade de viver. Autoritário, ele governa o mundo. Nada escapa ao seu domínio. Ele prevê tudo, marca o decorrer da história... Essa visão de um Deus feudal vem ao encontro dos interesses das oligarquias dominantes da colônia. Os senhores faziam de tudo para ser equiparados com Deus aos olhos dos seus familiares, súditos e escravos (OTTEN, 1999, p. 13).

Tendo caracterizado muito bem a imagem de Deus e as consequências que traz para a vida do povo, em seguida Otten ilumina o sentido profundo do culto aos santos, tão difundido no Brasil.

O culto aos santos, significa pois um sim à vida, que eclode num leque tão abrangente de formas quanto é abrangente e multiforme a própria vida. Para os santos, o povo tem orações, benditos, terços, novenas, bênçãos, consagrações, purificações, procissões, danças, bailes, folguedos, mutirões, compadrio, romarias, festas e promessas. A grande diversidade de cultos direcionada aos santos sinaliza que as necessidades vitais do povo estão sendo aí atendidas. Ele é o responsável para que o “milagre da vida” no plano comunitário, familiar e pessoal aconteça (OTTEN, 1999, p. 15)⁹.

⁹ Para uma leitura mais extensa do catolicismo popular tradicional: OTTEN 1990.

No século XIX, os primeiros exemplares foram publicados no Brasil por editoras populares, o Livro teve alta aceitação do público: “Durante os mais de cem anos de publicações dos *Livros de São Cipriano*, alguns elementos narrativos permanecem. Eles podem ser alterados na forma e na apresentação, seguindo as tendências de cada época, mas são essencialmente os mesmos” (BARRETO, 2022, p. 102).

O tema da história da conversão de São Cipriano é onipresente nas diversas versões. Na verdade,

o que amarra todos os livros com os temas da feitiçaria e da conversão ao cristianismo à salvação da alma, é a narrativa hagiográfica que se mantém como parte essencial dessa construção, desde a Idade Média, quando se tem as primeiras versões da *Confissão de São Cipriano* (BARRETO, 2022, p. 102).

Santa Justina e São Gregório são os responsáveis pela conversão do pagão Cipriano, até então associado ao demônio. São Gregório, com sua pregação, salva Cipriano do Inferno. “É atribuída a São Gregório a Oração do Anjo Custódio, que teria ajudado a libertar Cipriano do Inferno, por conta disso usada para prender os seres malignos” (BARRETO, 2022, p. 103).

A necromancia é outro ponto que alinhava o *continuum textual* do *Livro de São Cipriano*, presença marcante nos textos brasileiros do século XX. “É justamente esse elemento necromântico que o fará ser apropriado pelas práticas de umbanda e, especialmente, da quimbanda, que já possuíam a relação com os mortos em seus sistemas de práticas e crenças” (BARRETO, 2022, p. 104).

O capítulo terceiro, *Os leitores do Livro de São Cipriano* tem como moldura o fato do Brasil ser um espaço de encontro de culturas. Nele se demonstra que a recepção do *Livro de São Cipriano* no Brasil deixa transparecer as representações negativas das práticas de feitiçaria. Processo

confirmado pela reconstituição de fragmentos das práticas e crenças de alguns leitores, reveladoras por sua vez de um processo de mestiçagem que confirma o deslocamento da mandiga portuguesa à macumba brasileira¹⁰.

A autora apresenta uma consistente reflexão sobre o pensamento mestiço, na qual indica a mestiçagem como dinâmica fundamental nas sociedades coloniais na esteira de Grusinski. O conceito de mestiçagem tem um peso heurístico no texto. Daí, a necessidade de explicitar sua dimensão risomática: mestiçagem não é apenas cruzamento de raças, mas muito mais interação entre objetos, coisas, formas, linguagens e imagens da cultura; a mestiçagem não opera por fusão, que apaga as diferenças, nem por mero reconhecimento das diversidades, que as mantém isoladas e à mestiçagem não interessam apenas as proximidades e aglomerações quantitativas de fronteira, mas principalmente as inclusões e conexões (PINHEIRO, 2009; 2020)¹¹.

Importante não esquecer a violência que se faz presente no processo de mestiçagem, deve-se evitar uma leitura idílica da mesma. Uma leitura das obras de Serge Gruzinski relacionadas com o tema, gradualmente desvelam essa faceta de violência presente no processo de mestiçagem.¹²

Barreto faz questão de chamar atenção para a violência presente nos processos de mestiçagem:

Muitas vezes, a mestiçagem e o sincretismo são erroneamente entendidos como conceitos que apagam violências e processos de dominação, o que não é verdadeiro. Ao estudar e considerar que

¹⁰ Com relação à nota 268 nas páginas 125-126. Nela se menciona a proposta de sacerdotes umbandistas de reafrikanização da religião, buscando separar a Umbanda do Espiritismo, destacando suas diferenças e rechaçando o mito fundador de Zélio de Moraes. Ao acompanhar essas discussões em curso, penso que o debate está mal posto, deveria partir do *racismo estrutural* e não pode ser tratado como crise identitária de alguns umbandistas e neoumbandistas.

¹¹ Para uma discussão sobre a mestiçagem, ver PINHEIRO, 2009 e 2020.

¹² Ver GRUZINSKI, 2001, 2003 e 2006.

contatos culturais e sociais entre diferentes religiosidades geraram novas manifestações e práticas, não necessariamente há a negação dos processos colonizatórios e das opressões que eles geraram” (BARRETO,2022, pp. 174-175).

Importante ter enfatizado o viés autoritário e repressivo do Código Penal republicano de 1890, promulgado antes de uma Constituição que balizasse o novo ordenamento jurídico e garantisse direitos fundamentais. (BARRETO, 2022, pp. 128-129).

Os republicanos responsáveis pelo período conhecido como “*República da Espada*”, sob a égide do lema “ordem e progresso” privilegiaram o primeiro em detrimento do progresso. Temos um descompasso entre a Carta Magna, de inspiração liberal e o Código Penal, profundamente autoritário.

Barreto levanta um tema fascinante, o da relação com os santos nas cosmogonias e concepções mágico-religiosas de origem africana. Lembro que Santo Antônio na África bantu era o Ntomi Malau, reconhecido como sacerdote em vida e, já espírito como poderoso tutelar da terra.

O museu Afro- Brasil guarda uma pequena coleção de estatuetas de Santo Antônio no Nó-de-Pinho. Monica Carolina Saviato, na sua dissertação de Mestrado, intitulada *Catolicismos crioulistizados: presença africana na região do Vale do Paraíba*¹³, contextualiza e analisa essas estatuetas no seu aspecto religioso e estético¹⁴.

¹³ Para a autora, “o catolicismo, na região do Vale do Paraíba, ao longo do século XIX, passou por profundas mudanças. Esta originalidade, resultado da presença africana, é notável ainda hoje em festas religiosas na região. A presente pesquisa procura abordar esta originalidade através da estatuária de santos católicos denominados nó de pinho” (Cf. 5).

¹⁴ Para uma visão mais abrangente dessas pequenas estatuetas, ver SOUZA, 1986..

Fato digno de nota, São Cipriano é uma figura muito popular no Nordeste, graças à forte oralidade da região e aos cordéis, além da região ecoar o mundo religioso medieval, graças às inúmeras missões religiosas, que por anos percorreram a região.

Entende-se, então, que:

Como manual de magia, o São Cipriano [o livro] está muito próximo das práticas oriundas da Europa, talvez ainda mais do que das africanas, o que é entendido de maneira mais clara por ser uma história vinda do sertão nordestino, onde a influência das cosmogonias e mitologias africanas foi diluída (BARRETO, 2022, p. 165).

O final da citação “do sertão nordestino: onde a influência das cosmogonias e mitologias africanas foi diluída”, pode não ser bem compreendida, pois a presença das cosmologias e mitologias africanas no nordeste é marcante, em geral, materializada nos cordéis. Exemplifico: o famoso cordel “*Rabicha da Geralda*” recolhido por José de Alencar no “*Nosso Cancioneiro*”, em 1874, narra a saga de um escravo foragido na figura de um boi, dentro de um contexto da cosmo-percepção afro-brasileira. (ALENCAR, 1996).

O belo Mural de Cultura Popular na Rodoviária de Feira de Santana de Lenio Braga, inspirado no ABC de Lucas Evangelista, negro que se recusa a viver como escravo¹⁵. Em geral figuras de animais nos cordéis simbolizam gente.

A historiadora Maria Antonieta Antonacci assim descreve a figura do Mural:

Em postura humana, com instrumentos de ferreiro nas mãos, seu corpo negro sustenta ofício dos mais respeitados e temidos entre africanos e colonizadores. O polêmico Lucas Evangelista, que agitou Feira de Santana “cem anos antes de Lampião (Pereira, 2003, p.126), tem seu

¹⁵ Para uma visão da saga de Lucas Evangelista, ver LIMA, 1990.

corpo representado na confluência de animais dos quatro elementos da natureza. Com cauda de escorpião, bicho da terra que ataca de improviso; corpo de serpente, que sorratamente interliga a água e terra, cabeça de papagaio ou ave do ar e fogo (ANTONACCI, 2014, p. 120).

Barreto não só apresentou como discutiu muito bem as questões relacionadas com o culto aos Santos e com catolicismo popular (BARRETO, 2022, pp. 168s). Um livro que poderia constar na bibliografia sobre essas temáticas é o de Cândido da Costa e Silva (1982) sobre o catolicismo popular, intitulado: *Roteiro da vida e da morte*.

Três breves passagens merecem ser ampliadas: sobre sistema de retroalimentação da crença de ontem e de hoje na feitiçaria no Brasil; a figura de São Cipriano como intermediário, como mediador, tema que atravessa toda a dissertação e as camadas que sinalizam a recepção do livro tanto em Portugal como no Brasil. No Brasil, a recepção dá ao livro um caráter exótico, ligado às superstições e crenças do cristianismo dito popular do nordeste.

Considerações finais

Fruto de uma criação coletiva, o *Livro de São Cipriano* se perpetuou no tempo, tanto em Portugal como no Brasil, desafiando pesquisadores (as). Inês Barreto, em *Da Mandinga à Macumba*, acolheu o desafio de rastrear as transformações e apropriações do livro dentro do contexto tanto europeu como brasileiro. Tarefa nada fácil, especialmente, em tempos de pandemia.

Temos em mãos o relato da instigante história do livro em si e de sua trajetória no mercado editorial brasileiro. Durante 100 anos, o *Livro de São Cipriano* deu lucro para pequenas e grandes editoras no Brasil, constelando novos conteúdos, como feitiços, orações, oráculos e práticas mágicas.

Na verdade, o livro e os mitos de São Cipriano ao longo do tempo acabaram aglutinando elementos da cultura-mágico-religiosa brasileira, num fascinante processo de mestiçagem. Para Barreto, “o entendimento dos processos de mestiçagem podem proporcionar um profundo entendimento da formação cultural, étnica e religiosa dos brasileiros” (BARRETO, 2022, p. 174).

Ter identificado alguns leitores do livro no Brasil resultou de uma observação microscópica de revistas, jornais, encartes e processos criminais. No entanto, a lacuna documental não possibilitou uma explicitação das práticas desses leitores, mas graças a testemunhos de terceiros foi “perceptível a relação entre catolicismo de origem ibérica, religiosidades afro-diaspóricas e até mesmo crenças ameríndias” (BARRETO, 2022, p. 175).

Uma pergunta acompanha o leitor (a): como explicar o apelo *do Livro de São Cipriano* tanto em Portugal como no Brasil. *Da Mandinga à Macumba* disponibiliza inúmeros dados para uma possível resposta, além de apontar novas possibilidades de pesquisa.

São Cipriano, assim como Maria Padilha, são personagens que abrem muitas possibilidades de análise como figuras da magia europeia que se relacionam com os Exus no Brasil, onde os elementos desviantes do catolicismo popular português, tão presente no Livro de São Cipriano, encontraram morada” (BARRETO, 2022, p. 176).

Uma contribuição marcante da pesquisa é a de oferecer dados para uma compreensão mais matizada dos inúmeros processos culturais relacionados com o universo mágico-religioso brasileiro, fruto de profunda mestiçagem cultural.

Da Mandinga à Macumba levou em conta memórias e experiências de grupos subalternos, questão que está no centro de muitos debates atuais,

dinâmica que abre a possibilidade e convida-nos a pensar numa nova universalidade no âmbito sócio-político e religioso.

A visão diacrônica presente na pesquisa não prende seus leitores (as) no passado, mas os seduz a olharem as tensões atuais vivida no campo religioso afro-brasileiro. *Da Mandiga à Macumba* é uma obra sofisticada, escrita para ser lida não só por acadêmicos, mas, também, por todos que desejam conhecer pelo menos em parte, a complexidade da fé dos brasileiros.

Referências bibliográficas:

- ALENCAR, J. de. *O Nosso Cancioneiro*. Campinas: Livraria Pontes, 1996 [1874].
- ANTONACCI, M. A. *Memórias ancoradas em corpos negros*. 2ª ed. São Paulo: EDUC, 2014.
- BARRETO, I. T. *Da Mandinga à Macumba: a trajetória do Livro de São Cipriano no Brasil*. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: PUC-SP, 2022.
- BETHENCOURT, F. *O imaginário da magia*. São Paulo. Companhia das Letras, 2004.
- BRADESCO-GOUDEMAND, Y. *O ciclo dos animais na literatura popular do nordeste*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1982.
- BRITO, Ê. J. da C. *O fazer da Pesquisa em Veredas de Religião e História: carpintaria de teses sobre religiosidade popular e afrodiáspórica*. Vol.1. São Paulo: Pluralidades, 2021.
- CALAINHO, D. B. *Metrópole das mandingas: religiosidade negra e inquisição portuguesa no antigo regime*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.
- CAMILO, N. da S. *Acervo de Cordel Leandro Gomes de Barros*. João Pessoa: Editora Casa de José Américo, 2013.
- CASTORIADIS, C. *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- COSTA e SILVA, C. *Roteiro da vida e da morte*. São Paulo: Ática, 1982.
- FERREIRA, J. P. A voz de um Editor Popular. *Revista de História*, n.125-126, pp.105-115, ago/dez, 1991 a jun/jul, 1992.

- FERREIRA, J. P. *O Livro de São Cipriano: uma legenda de massas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- FERREIRA, J. P. *Fausto no horizonte: razões míticas, texto oral, edições populares*. São Paulo: EDUC/HUCITEC, 1995.
- GRUZINSKI, S. *O pensamento mestiço*. São Paulo: Companhia das Letras, 200.
- GRUZINSKI, S. *A colonização do imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- GRUZINSKI, S. *A guerra das imagens*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LIMA, Z. J. de. *Lucas Evangelista: O Lucas da Feira*. Estudo sobre a rebeldia escrava em Feira de Santana 1807-1849. 275 p. Dissertação (Mestrado em História). Salvador: UFBA, 1990.
- OTTEN, A. *Só Deus é grande*. A mensagem religiosa de Antônio Conselheiro. São Paulo, Loyola, 1990.
- OTTEN, A. Deus é Brasileiro: Uma leitura do catolicismo popular tradicional. In: *Vida Pastoral*, pp. 13-16, Nov/Dez., 1999.
- PEREIRA, R. Painel do vasto sertão. *Léguas&meia*, n.1. Feira de Santana: UEFS, 2002.
- PINHEIRO, A. (Org.). *O meio é a mestiçagem*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009.
- PINHEIRO, A. A Condição Mestiça. *Revista Pasquinagem*, São Paulo, vol. 10, pp. 8-23, set. 2020.
- PIROLA, R. F. *Senzala insurgente*. Malungos, parentes e rebeldes nas fazendas de Campinas (1832). Campinas: Editora Unicamp, 2011.
- SANCHIS, P. *Religião, cultura e identidades*. Matrizes e matizes. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.
- SAVIETO, M. C. *Catolicismos crioulistizados*. Presença centro-africana no Vale do Paraíba (SP). 118p. Dissertação (Mestrado em História). São Paulo: PUC-SP, 2010.
- SIMAS, L. A. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2021.
- SOUZA, L. de M. e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.